




Narrativas sobre Gênero e Raça: *Identidades sociais e Práticas Discursivas de Mulheres Negras no Podcast Mano a Mano*

Narratives about Gender and Race: *Social Identities and Discursive Practices of Black Women in Mano a Mano Podcast*


***Sarah Lyssa Ribeiro Martins¹**

Universidade Federal de Goiás (UFG) – Goiânia/Goiás
sarahlyssa@egresso.ufg.br

 <https://orcid.org/0009-0005-5842-891X>

***Flávia Martins dos Santos²**

Universidade Federal de Goiás (UFG) – Goiânia/Goiás
flaviamartins21@ufg.br

 <https://orcid.org/0000-0001-9710-8066>

RESUMO: Neste estudo, exploramos as práticas discursivas presentes no podcast "Mano a Mano", sob a perspectiva de gênero, raça e classe. Através da análise das entrevistas de Glória Maria, uma figura de referência no jornalismo brasileiro, e Sueli Carneiro, uma das principais autoras e teóricas do feminismo negro no Brasil. Observamos como o programa proporciona às mulheres negras visibilidade nas narrativas e experiências, desafiando a falta de representação nos meios de comunicação convencionais. As entrevistas destacam o pioneirismo, a identidade social negra e a realidade brasileira, construindo sentidos que desafiam estereótipos e promovem uma representação mais inclusiva. Assim, as plataformas digitais surgem como um canal para ampliar a visibilidade e construir identidades.

Palavras-chave: Práticas discursivas; Mano a Mano; Mulheres negras; Identidades sociais.

ABSTRACT: In this study, we explore the discursive practices present in the "Mano a Mano" podcast from the perspective of gender, race, and class. Through the analysis of the interviews with Glória Maria and Sueli Carneiro, we observe how the program provides visibility to black women in narratives and experiences, challenging the lack of representation in conventional media. The interviews highlight pioneering efforts, black social identity, and Brazilian reality, constructing meanings that defy stereotypes

¹Relações Públicas pela Universidade Federal de Goiás, UFG. Email: sarahlyssa@egresso.ufg.br

² Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Email:

flaviamartins21@ufg.br



and promote a more inclusive representation.

Keywords: Discursive practices; Mano a Mano; black women; Social identities.

Recebido em: 30/10/2024

Aprovado em: 20/11/2024

INTRODUÇÃO

As mídias tradicionais, durante muito tempo, espelharam nas suas programações diárias as vozes dos grupos dominantes, veiculando conteúdos que alinhavam e defendiam os seus interesses e, em muitos casos, construiu estereótipos prejudiciais de outras identidades.

A partir de Woodward (2000, p. 18), compreendemos que a mídia é um lugar privilegiado para a produção das identidades, uma vez que detém o poder de definir quem é incluído e quem é excluído na sociedade. Ao produzir e veicular os signos da linguagem que alimentam o preconceito, a discriminação e/ou violência referente a determinados grupos. Seja ao alimentar o preconceito, a discriminação e/ou violência referente a determinados grupos.

No Brasil, as pessoas negras são a maioria da população³. Nos últimos dez anos aumentou 32% o número de brasileiros que se declaram pretos e quase 11% os que se declaram pardos, totalizando 56,1% da população brasileira que são autodeclarados pretos e pardos. Entretanto, elas possuem pouco espaço nas grandes mídias, nas quais representam números irrisórios se comparados proporcionalmente à quantidade de pessoas brancas.

Para Muniz Sodré (1998), a falta de pessoas negras nas mídias tradicionais está relacionada ao fato que quando elas conseguem uma oportunidade na grande mídia, muitas vezes são direcionados para desempenhar funções nos bastidores, por trás das câmeras, longe da visibilidade pública.

Como alternativa aos canais de massa restritos a uma pequena parcela da sociedade, as mídias digitais surgem como espaços virtuais de identificação e de

³ Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html>. Acesso em: 18 maio 2024.



descoberta, proporcionando oportunidades para que os indivíduos se manifestem e encontrem semelhantes em um cenário global (Levy, 2016, p. 192).

Neste contexto, surgem os podcasts, uma nova forma de divulgação de conteúdos sonoros, sendo programas de áudio digitais que podem abranger diversos estilos, como narração, debates, reportagens, análises, ficção, entre outros. E o assunto pode ser aquele que desperta interesse dos produtores, podendo ser abordado, principalmente, temas específicos que não são veiculados pelos meios de comunicação tradicionais de transmissão radiofônica (Medeiros, 2006, p.4).

Mas os produtores de podcast seguem o padrão da mídia tradicional. De acordo com dados da PodPesquisa Produtor 2020/2021⁴, 75,7% dos podcasters são homens e 23,3% são mulheres. No recorte de raça, 58,8% dos produtores de áudio são brancos, 22,7% são pardos e 12,9% são pretos. No qual, 54,21% dos podcasters residem na região sudeste do país. Além disso, majoritariamente (65,7%), são produtores de áudio única e exclusivamente como passatempo. O que era para ser uma forma de comunicação alternativa, a qual teoricamente todas as pessoas poderiam ter acesso, se tornou um meio de comunicação usado predominantemente pelas mesmas pessoas que ocupam a grande mídia.

As pessoas negras foram sistematicamente excluídas do cenário comunicacional, resultando em uma representação limitada e distorcida de suas identidades e experiências. Neste contexto, o “Mano a Mano” surge como uma forma de amplificar as vozes de pessoas negras, sem reduzir suas identidades e vivências a estereótipos, abordando temas que impactam diretamente suas vidas.

O “Mano a Mano” é um podcast de entrevista apresentado por Mano Brown, rapper e compositor brasileiro integrante do maior grupo de rap do Brasil, Racionais MC’s. Segundo a própria definição do programa, ele visa “ampliar a visão e o debate trazendo diversidade de ideias e pensamentos com profundidade e respeito”. Para isso, são feitas entrevistas com uma variedade de convidados e convidadas, incluindo ativistas, artistas, acadêmicas e acadêmicos, líderes comunitários e pessoas comuns, sempre com a intenção de dar visibilidade e promover diálogos importantes sobre as experiências e lutas de grupos sociais marginalizados e excluídos historicamente no

⁴ Disponível em: https://abpod.org/wp-content/uploads/2020/12/Podpesquisa-Produtor-2020-2021_Abpod-Resultados.pdf. Acesso em: 27 jul. 2023.



Brasil.

Dito isso, como objeto empírico, o trabalho se propõe a compreender a construção das práticas discursivas sob a perspectiva de gênero, raça e classes, nas entrevistas de Glória Maria e Sueli Carneiro ao podcast “Mano a Mano”. Ambas são figuras de destaque em diferentes áreas: Glória Maria, uma das principais referências do jornalismo brasileiro, sendo a primeira repórter a realizar reportagens ao vivo e em cores na televisão brasileira, enquanto Sueli Carneiro se destaca como uma das principais autoras e teóricas do feminismo negro no Brasil.

1. IDENTIDADE E INTERSECCIONALIDADE: QUESTÕES DE GÊNERO, RAÇA E CLASSE

Segundo Silva (2000), a identidade pode ser definida como “aquilo que se é”, porém, sempre em relação de dependência com a diferença, como “aquilo que o outro é”. Assim, a identidade está relacionada à autodefinição de uma pessoa, as características que ela se identifica, em contraposição a diferença está relacionada às características que distinguem uma pessoa das outras. Ou seja, é aquilo que diferencia uma pessoa de outras em termos de nacionalidade, etnia, sexo, gênero, entre outros aspectos.

Para Woodward (2000), a identidade deve ser compreendida sob duas perspectivas. Inicialmente, ela é formada por esse “núcleo essencial”, conjunto de elementos que permite que ela exista e a diferencia das demais. Além disso, são afetadas pela intersecção de componentes como discursos políticos e culturais e de histórias particulares.

Assim, as identidades são construídas a partir do conjunto de características que identificam e diferenciam os grupos sociais, e sofre interferência da mídia, contextos sociais e vivências específicas de cada indivíduo ou grupo, no qual é construído o imaginário popular (Silva, 2000; Woodward, 2000).

Para Gomes (2008), a identidade negra é construída a partir do olhar de indivíduos que pertencentes a um grupo étnico/racial em relação não só de oposição, como também de conflito e diálogo com o grupo branco.



Assim, as identidades são imbricadas na semelhança a si próprio, e na identificação e diferenciação com o outro e se constituem em foco central nas relações sociais, sendo continuamente construídas a partir de repertórios culturais e históricos de matrizes africanas, e das relações que se configuram na vivência em sociedade, sendo que sua existência tem as marcas das relações processadas ao longo dos séculos de exploração do escravismo. (Lima, 2008, p. 39)

No Brasil, a identidade de uma pessoa negra é marcada pela escravidão, onde as “vivências foram e são mediados pelas condições sociais concretas que inseriu e mantêm a maioria dessa população entre os pobres, miseráveis, subempregados, desempregados, analfabetos e despossuídos em geral.” (Lima, 2008, p.41).

O conceito de gênero proposto por Scott (1995) e Piscitelli (2002), converge para a proposta que o gênero está relacionado às construções sociais, culturais, subjetividades que se impõem sobre as diferenças biológicas. Desta forma, os sexos são usados como justificativa para as diferenças socialmente construídas entre os gêneros, determinando quais são os papéis indicados aos homens e mulheres na própria sociedade.

As mulheres que tentam se inserir em determinado espaço da sociedade encontram barreiras, como se elas não pertencessem ao meio. Ribeiro (2013), problematiza a atribuição de determinados valores para as mulheres, que criam “uma visão de mundo de que as mulheres não são hábeis para desempenhar tarefas que exijam força física, poder de decisão e liderança respectivamente” (Ribeiro, 2013, p. 5). Essa divisão pode levar as mulheres a ficarem em casa e cuidar dos filhos, enquanto os homens devem trabalhar fora de casa e sustentar a família.

A interseccionalidade é um conceito que analisa a relação entre uma ou mais formas de segregação, como raça, gênero, classe, entre outros. “A interseccionalidade sugere que, na verdade, nem sempre lidamos com grupos distintos de pessoas e sim com grupos sobrepostos” (Crenshaw, 2002, p.10). Ou seja, existe uma interação entre identidades, as quais são hierarquizadas e sobrepostas, fazendo com que ocorram diferentes formas de discriminação e que elas podem ser combinadas.

A partir do conceituação de interseccionalidade podemos entender como a combinação de discriminação racial e a de gênero estão intrinsecamente associadas à desigualdade, visto que os grupo sociais marginalizados são tratados de forma



diferente dos grupos dominantes por questões de preferências e barreiras culturais. Isso pode se manifestar por meio de preconceitos implícitos e explícitos, onde certos grupos são considerados mais favoráveis ou desejáveis do que outros.

González (1980), analisa as condições na qual a mulher negra é sujeitada e uma das várias discriminações que elas sofrem na sociedade brasileira, uma delas é a de classe. Mesmo quando elas acedem são economicamente impedidas de entrar em determinados locais, como se não pertencessem ao meio. “Os porteiros dos edifícios obrigam nos a entrar pela porta de serviço [...]” (González, 1980, p.230). Sendo que não é “natural” que elas ocupem aqueles espaços, já que por muitos anos sua vida ou de suas ancestrais foi resumida ao trabalho doméstico. Além disso, a autora discute o papel que as mulheres negras deveriam ocupar, enfatizando a importância da crítica e da luta para mudar essa realidade.

Assim, as identidades são formadas pela nossa própria semelhança a si próprio, como também pela forma como nos identificamos e nos diferenciamos dos outros. Nessa intersecção, podemos observar que a construção da identidade é baseada nas experiências de cada indivíduo, sendo que as pessoas são “moldadas” de forma diferente de acordo com sua cor, raça, classe e a sua vivência na sociedade. A identidade está relacionada com a permanência das relações de poder existentes.

2. PODCAST: UM NOVO ESPAÇO DE PRODUÇÃO DE IDENTIDADES

Na visão de Van Dijck (2016), ingressamos na “sociedade da plataforma”. Nesse cenário, a pesquisadora descreve uma nova configuração social em que grande parte das interações sociais, atividades econômicas e relações interpessoais são amplamente mediadas por uma plataforma online global, com uma presença esmagadoramente corporativa. A plataforma é impulsionada por algoritmos complexos e alimentada por uma infinidade de dados dos usuários. Esse cenário impulsionado por dados e algoritmos desencadeia um impacto significativo em diversos aspectos da vida cotidiana, alterando profundamente como nos relacionamos, aprendemos, trabalhamos e vivemos nos últimos anos.

Dito isso, podemos partir para a definição da plataforma que vamos analisar neste trabalho. O Spotify é um “serviço digital que dá acesso instantâneo a milhões



de músicas, podcasts, vídeos e outros conteúdos de criadores no mundo todo”⁵. Ou seja, o Spotify é uma plataforma de divulgação de áudios, que pode ser acessada tanto de forma gratuita quanto paga. No caso do podcast “Mano a Mano” que é uma produção original da plataforma, ele pode ser baixado e ouvido gratuitamente.

O podcasting despontou como um novo processo midiático na esfera da Internet e, posteriormente das plataformas, proporcionando modalidades distintas de interação. Mediante o ambiente virtual e a tecnologia de streaming, foi viabilizada “[...] a escuta através do computador da programação de emissoras tradicionais de rádio ou de empresas dedicadas a essa nova forma de produção e transmissão de áudio” (Primo, 2008, p.2).

Os podcasts apresentam algumas particularidades em relação às mídias tradicionais. Ao contrário das transmissões em tempo real típicas do rádio e da televisão, os podcasts dispensam a necessidade de consumo imediato por parte do público, podendo ser ouvidos quando e onde cada usuário quiser. Além disso, os podcasts, não seguem uma grade de programação rígida, a produção de conteúdo de maneira livre, possibilitando a exploração do que mais cativa tanto o criador quanto a audiência.

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa busca compreender a construção das práticas discursivas do podcast “Mano a Mano” e os sentidos produzidos sobre as questões de gênero, raça e classe. Desse modo, a estruturação da pesquisa foi orientada pela perspectiva teórico-metodológica do construcionismo social, na qual foram empregadas como técnicas a pesquisa bibliográfica, o estudo de caso e a análise das práticas discursivas e produção de sentidos.

A pesquisa bibliográfica é importante para dar suporte para o decorrer da pesquisa, como a conceituação dos fenômenos e seus impactos na construção social. Desta forma, este trabalho tem como base teórica linhas centrais que abrangem aspectos relacionados à identidade, gênero, raça, classe, interseccionalidade, mídia

⁵ Disponível em: <https://support.spotify.com/br-pt/article/what-is-spotify/>. Acesso em: 30 jul. 2023.



e midiática, fornecendo um suporte fundamental para a construção do referencial bibliográfico.

O corpus do trabalho será formado por dois episódios que retratam o panorama das mulheres negras na sociedade brasileira em diferentes meios sociais e que sofrem com as intersecções entre gênero, classe e raça, publicados na primeira e segunda temporada do podcast no Spotify. Os episódios escolhidos foram o que a Sueli Carneiro e a Glória Maria são as entrevistadas. Assim, serão analisados dois programas em que mulheres negras são referência no contexto acadêmico e midiático.

Como técnica de análise desses episódios, será utilizada a metodologia das Práticas Discursivas e Produção de Sentidos (Spink, 2010). Essa perspectiva de pesquisa de base construcionista é amplamente utilizada na psicologia social, buscando explicar como as práticas sociais levaram ao estabelecimento de determinadas “regras” no presente.

Na perspectiva construcionista, o foco da pesquisa “[...] passa das estruturas sociais e mentais para a compreensão das ações e práticas sociais e, sobretudo, dos sistemas de significação que dão sentido ao mundo” (Spink, 2013, p. 40). Sendo necessário observar as práticas cotidianas, ou seja, a linguagem usada, tempo e espaço específico, e a pessoa como relação social e como isso possibilitou que ocorresse dado fenômeno social. Por meio dessa análise buscamos “a explicação dos processos pelos quais as pessoas descrevem, explicam ou contabilizam o mundo no qual vivem, incluindo a si mesmas” (Spink, 2013, p. 54).

A metodologia das práticas discursivas, o construcionismo social, trabalha com a divisão temporal, sendo ele dividido em três tempos históricos: “o tempo longo, que marca os conteúdos culturais, definidos ao longo da história da civilização; o tempo vivido, das linguagens sociais aprendidas pelos processos de socialização, e o tempo curto, marcado pelos processos dialógicos” (Spink, 2013, p. 31).

4. ANÁLISE DAS PRÁTICAS DISCURSIVAS PRESENTE NAS ENTREVISTAS

Por ser uma entrevista, identificamos a incidência do tempo curto, ou seja, o tempo da “interanimação dialógica” (Spink, 2013). Entretanto, ao longo do programa,



é importante destacar que há elementos que atravessam todos os tempos históricos, observado o tempo longo e tempo vivido presente nas falas. O tempo vivido está presente nas experiências pessoais narradas e o tempo longo na menção de contextos históricos específicos no qual Glória Maria e Sueli Carneiro estiveram inseridas.

A partir dessas experiências vividas desde a infância até o momento da entrevista, é possível entender como estão situadas as vozes presentes nos discursos. As vozes são apresentadas a partir das relações de poder, desta forma elas são afetadas por questões de gênero, raça, classe, etc. “A compreensão dos sentidos é sempre um confronto entre inúmeras vozes” (Spink, 2013, p. 28). Isso inclui os processos de socialização, os quais permitem criar narrativas consistentes em torno de elementos compartilhados. Durante as entrevistas são evocadas algumas vozes que serão apontadas nas análises a seguir.

Glória Maria foi uma jornalista e apresentadora pioneira, deixando sua marca na história do telejornalismo brasileiro. Em 1977⁶, ela se tornou a primeira repórter a aparecer ao vivo no Jornal Nacional em cores, quebrando barreiras de gênero e raça na apresentação de programas na principal emissora de TV do Brasil, a Rede Globo. Sua carreira inclui participações em programas de alcance nacional, como o Jornal Hoje, Jornal Nacional, Fantástico e Globo Repórter.

O episódio da Glória Maria tem um teor biográfico, isso permite que ela compartilhe suas experiências de vida e carreira. Conforme apontado na descrição, na entrevista será mostrada outra versão da Glória Maria. Em vez de apenas discutir a trajetória de uma das mais populares jornalistas da televisão brasileira ao longo dos anos, o propósito é explorar quais foram as suas vivências e como alcançou posições sociais inacessíveis para a maioria da população brasileira.

O programa inicia com Glória Maria falando sobre as suas raízes, como se deu sua trajetória até se tornar repórter de telejornal. Ela menciona que foi a primeira a estudar e a se formar na família (Glória Maria, 2021). Além disso, ela comenta sobre a dificuldade de encontrar pessoas negras ocupando esses espaços: “pelo ginásio, só tinham 2 ou 3, passei pelo colegial só tinha uma, na faculdade só tinha eu” (Glória

⁶ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2023/02/morre-gloria-maria-icone-do-jornalismo-e-pioneira-na-tv-brasileira-aos-73-anos.shtml>. Acesso em: 18 maio 2024.



Maria, 2021). Em vários momentos da entrevista, Glória Maria recorre ao tempo vivido. Neste caso, ela traz as experiências/vivências que foram importantes para a construção da sua identidade como mulher negra, e que afetaram a sua forma de enxergar e reagir ao racismo na sociedade.

Glória Maria usa o tempo vivido, no qual traz uma situação de racismo que vivenciou no seu ambiente de trabalho. Ela também traz outras vozes para a conversa, justamente do grupo branco dominante que se sentia incomodado e ameaçado por ir contra a lógica do “lugar natural” da mulher negra.

Eu sou da época em que eu tinha provas assim de racismo e de discriminação, as pessoas mandavam cartas para a redação ou então telefonavam: Como você uma negra não tem vergonha de estar aí tirando o lugar de Mulheres brancas ainda para apresentar esse programa? (Glória Maria, 2021).

Através das vozes da sociedade brasileira fica evidente o racismo estrutural. Essa ideologia define os lugares “naturais”, no qual as mulheres negras são frequentemente relegadas à prestação de serviços. Quando elas se desviam desse padrão é como se não pertencesse àquele meio.

No programa Glória Maria também conta exemplos práticos da intersecção de discriminação entre gênero, raça e classe que ela presenciou durante a sua vida. No qual é utilizado o tempo longo, visto que são resgatados acontecimentos históricos que moldaram a sociedade, neste caso foi trazido a ditadura militar e a guerra das Malvinas.

Durante a ditadura militar, Glória Maria conta que sofreu com perseguição, como mostram alguns enunciados apresentados por ela na entrevista: “Não deixe aquela neguinha chegar perto de mim”, “[...] enquanto ele foi Presidente, eu estava lá, ele mandava eu sair”, somado a censura, “Então assim eu tive várias experiências terríveis, uma época terrível. A gente chegava na redação, tira lá ou isso não”. “Hoje não pode falar sobre isso. Hoje não pode falar sobre aquilo, era censura em cima de censura” (Glória Maria, 2021).

Já no caso da guerra de Malvinas, ela experienciou o machismo dos diretores de televisão. “Eu fui a primeira mulher, foram vários homens cobrir, porque o meu diretor disse, não, mulher não cobre a guerra, mulher não cobre guerra, mulher não



faz isso” (Glória Maria, 2021). Ela como mulher negra sofre a combinação de duas discriminações que são inseparáveis e fazem parte das estruturas modernas: racismo e sexismo.

Essas barreiras de acesso é uma manifestação de discriminação, muitas vezes combinando racismo e sexismo, limitam as oportunidades e espaços disponíveis para as pessoas negras na sociedade brasileira. De modo que, as pessoas negras passam por processo de exclusão, impedindo que alcancem certos lugares e oportunidades, conseqüentemente, perpetuando a desigualdade social.

Um dos sentidos mais presentes no discurso da Glória Maria é o pioneirismo, já que ela é a primeira de sua família a conquistar uma formação acadêmica e uma das poucas mulheres negras em seu percurso educacional e profissional. Um dos motivos para falta de diversidade se dá ao fato que o ensino superior era considerado um ambiente de produção científica e formação profissional praticamente reservado à população branca, pertencente majoritariamente às classes médias e altas do país, que herdaram espaços de qualidade de vida e influência (ALMEIDA, 2019).

O segundo episódio analisado é de Aparecida Sueli Carneiro, filósofa, escritora, ativista antirracismo do movimento social negro brasileiro, é reconhecida como uma das pensadoras mais influentes do feminismo negro no Brasil. Uma de suas principais contribuições para a sociedade marginalizada é o Geledés, Instituto da Mulher Negra, fundado em 1988. Ela também desempenhou um papel fundamental na campanha pela inclusão de mulheres negras no Conselho Estadual da Condição Feminina de São Paulo.

Ainda que prevaleça o gênero de entrevista, o episódio da Sueli Carneiro tem um teor temático, fazendo com que seja feita uma discussão mais focada e detalhada em torno de negritude e povo brasileiro ao longo da entrevista. Neste contexto, as perguntas feitas por Mano Brown, buscam trazer a visão da entrevistada em relação a racismo, cotas raciais, desigualdade racial, movimentos sociais e outros assuntos que afetam toda a sociedade brasileira, mas, principalmente, as pessoas negras.

No programa, Sueli fala sobre os estereótipos racistas que fazem parte da realidade brasileira. Para auxiliar na construção de sentido, são trazidas vozes que perpetuaram/perpetuam na sociedade. “Ele diz que eu sou inferior que eu sou incompetente, que eu sou subserviente” (Sueli Carneiro, 2021). O racismo construiu



estereótipos que rotulam as pessoas negras como inferiores e destinadas a servir as pessoas brancas, criando barreiras para a ascensão desses indivíduos a posições de destaque na sociedade.

A imagem das pessoas negras é afetada pelo racismo e está ligada a aspectos negativos. Enquanto uma pessoa branca é vista como pessoas com ótimas qualidades e predicados, as pessoas negras estão associadas a má qualidades como, irresponsabilidade, incapacidade intelectual, criminalidade, agressividade, etc. (González, 1984, p. 225).

Isso é um dos motivos para a fala sobre a falta de espaço que as pessoas negras encontram na sociedade. Sueli Carneiro comenta sobre a dificuldade que esse grupo encontra para ingressar no mercado de trabalho, sendo que a única alternativa é recorrer ao empreendedorismo. Ela destaca que: “O mercado formal de trabalho não é para vocês. Qualquer emprego de qualidade que têm, entendeu carteira assinada, férias remuneradas, 13º aquele emprego que branco tem bons. Isso não” (Sueli Carneiro, 2021).

Tal afirmação é corroborada pelos dados do PNAD, no qual 50% dos donos de negócio são afrodescendentes, 49% são brancos e 1% pertencem a outros grupos populacionais. A alta participação da população negra no empreendedorismo brasileiro não significa que não existam barreiras que dificultam seu acesso ao meio, tendo em vista que o “preconceito cria mecanismos nos quais os espaços de empreendedorismo são ‘mais fechados’ para as pessoas negras do que para as pessoas brancas e outros povos” (SIQUEIRA; NUNES; MORAIS, 2018).

Ainda sobre empreendedorismo negro, Sueli Carneiro fala como a situação das mulheres negras é ainda mais dramática. Ela cita uma realidade que é vivenciada por muitas mulheres negras:

Se eu e uma mulher branca fomos procurar uma vaga, fomos disputar uma vaga de Secretária numa multinacional. Isso aconteceu comigo quando eu tinha 20 anos de idade. A chance de uma mulher negra, tendo as mesmas condições de ser empregada é nenhuma. Então, se Eu, uma mulher negra que estou capacitada para uma vaga, não posso assumir porque eu sou preta, porque para aquela função de imagem da empresa precisa de uma mulher padrão hegemônica, [...] eu sou vetada, o racismo, serve para quê? Para garantir um emprego para a mulher branca” (Sueli Carneiro, 2021).



Importante observar que a entrevista de Sueli Carneiro, quase que exclusivamente, recorre ao tempo curto, sendo que é marcado pelos processos dialógicos. Mas, há momentos em que é resgatado o tempo vivido. Como na fala anterior, onde ela traz uma situação que vivenciou aos seus 20 anos de idade, para explicar sobre a reprodução do racismo na sociedade brasileira. Ela resgata um dos processos de socialização no qual vivenciou e que fez ela entender como racismo faz parte da estrutura social.

Sueli Carneiro acredita que as pessoas negras estão encontrando dificuldade para ter acesso a direitos básicos, como saúde, educação e trabalho:

[...] porque é que a gente morre de mortes preveníveis e evitáveis o tempo todo? Porque é que a gente é mantido na indigência humana?”, “ como é que se expulsa os meninos negros da escola? Como é que se empurra os nossos meninos por tráfico? Não, não faz esse tipo de concessão, não para o racismo, entendeu? (Sueli Carneiro, 2021).

Isso provoca um efeito cascata: se as pessoas negras enfrentam discriminação no acesso à educação, é provável que encontrem dificuldades para conquistar empregos e também tenham menos acesso a informações sobre cuidados com a saúde (ALMEIDA, 2019, p. 96).

Para Sueli Carneiro (2021), a situação das mulheres negras é ainda pior, sendo que “estão submetidas a um processo de asfixia social, porque elas estão em paridades, que é entre duas ideologias que não permite a mobilidade”. As mulheres negras são afetadas por discriminação de raça e gênero, somado a isso são chefes de família, e se encontram na pirâmide mais baixa da sociedade.

As mulheres negras têm que sobreviver na base da prestação de serviços, onde é negado acesso a outras funções no mercado de trabalho. Como é o caso da exigência de “boa aparência”, uma qualidade reservada a mulheres brancas sob uma perspectiva racista. Além disso, não é uma escolha feita pelas mulheres negras de se tornarem chefes de família e arcar com toda a responsabilidade familiar. Esse cenário é consequência da perseguição policial sistemática, em que os homens negros são os principais alvos, impactando diretamente a estrutura familiar (González, 1984, p. 231).

A interseccionalidade destaca como esses dois aspectos, raça e gênero, se



entrelaçam e se sobrepõem, ampliando as formas de discriminação e desigualdade enfrentadas por determinados grupos na sociedade. Para Sueli, quando uma pessoa negra experimenta mobilidade social, e consegue alcançar áreas inacessíveis para a grande maioria, isso também é usado como estratégia contra as pessoas negras.

No seguinte enunciado é destacado vozes que ecoam na sociedade quando pensamos na ideologia da meritocracia, “O Fulano se deu bem, se você não, vocês são incompetentes” (Sueli Carneiro, 2021). De modo que quando uma pessoa negra experimenta mobilidade social isso é usado para culpabilização dos sujeitos que não alcançam o sucesso, como se o problema fosse somente falta de vontade e é ignorando todas as desigualdades que afetam a comunidade negra.

No programa, o principal sentido produzido é a realidade vivenciada por pessoas negras na sociedade brasileira, no qual as mulheres negras são as principais afetadas pela combinação de varias formas de discriminação, e conseqüentemente exclusão social.

Além disso, são abordadas questões históricas, tais como a construção do Brasil e do povo brasileiro, o período escravocrata, a aprovação e implementação da lei de cotas, e outros momentos que integram a história da civilização. Isso faz parte do longo tempo, situações que, de alguma forma, estabelecem normas que perduram no presente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto midiático, especialmente no que se refere à construção e desenvolvimento de um canal identitário de grupos sociais marginalizados, como o podcast “Mano a Mano”, é possível perceber que as pessoas negras podem ter um impacto positivo e transformador nas mídias. Dessa forma, esses canais podem contribuir significativamente para ampliar a representatividade e dar voz às pessoas negras, desafiando estereótipos e construindo uma comunicação mais diversificada e sensível às questões de raça e identidade. O programa “Mano a Mano”, é um canal para produção e reprodução de sentidos. A partir das entrevistas é possível serem tratados pautas que não fazem parte da grande mídia e que sejam produzidos sentidos a partir das experiências pessoais dos convidados.



O episódio com Glória Maria, oferece uma nova perspectiva da entrevistada como uma mulher negra comum, alguém que enfrentou discriminação racial, de gênero e social ao longo da vida. Desse modo, ela se posiciona não apenas como uma figura midiática, mas como alguém que reconhece suas lutas sem se valer da meritocracia. O principal sentido produzido na entrevista com Glória Maria é o pioneirismo, sendo que ela destaca a sua condição de ser a primeira da família a obter ensino superior e a primeira mulher negra a se tornar repórter e apresentadora de uma grande emissora de televisão do país. Os repertórios utilizados na fala de Glória Maria evidenciam que ela como uma mulher negra e oriunda de uma classe social menos favorecida, enfrentou e superou inúmeras barreiras para ocupar determinados espaços na sociedade.

Mais do que uma entrevista para conhecer a trajetória da Glória Maria, o episódio traz as manifestações do racismo na sociedade brasileira agindo estruturalmente. Sendo que, o racismo fez e faz com que muitas pessoas negras sejam as primeiras a acessar determinados espaços entre várias gerações. Além disso, é socialmente normalizado que os negros não acendam a esses lugares, pois o seu lugar natural é em posições subalternas.

No programa “Mano a Mano”, Sueli Carneiro participa de uma entrevista com viés temático, sendo tratado o racismo e os seus impactos na sociedade. É notório que as pessoas negras têm enfrentado dificuldade na garantia dos seus direitos mais básicos, como acesso à educação, à saúde e ao trabalho. Desta forma, os sentidos que prevalecem na entrevista são a identidade social negra e a realidade no Brasil. A partir da perspectiva de uma estudiosa no assunto, que vivenciou situações semelhantes durante a sua vida.

As situações experimentadas por Sueli Carneiro refletem a realidade de outras mulheres negras, e o programa é um canal para que essas vivências sejam representadas e ouvidas. O programa consegue ser um ponto de conexão e identificação entre as narrativas ao dar voz e visibilidade a essas histórias.

O papel desempenhado pelo podcast “Mano a Mano” é de grande relevância para pessoas como eu, que vivenciam diversas situações de discriminação relacionadas à raça, gênero e classe, e que nunca se viram devidamente representados nos meios de comunicação. Sendo que a representação histórica das



pessoas negras tem sido caracterizada por estereótipos e subestimação intelectual. Além disso, o programa pode romper com os estereotípicos e criar um canal para as mulheres negras compartilharem suas perspectivas e experiências, fazendo com que elas sejam vistas e ouvidas. Isso mostra a possibilidade de ocupar espaços que frequentemente foram monopolizados por pessoas brancas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. Racismo e Ideologia. In: ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Jandaia, 2019, p. 38 - 52.

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. Estud. av. [online]. 2003, vol.17, n.49, pp.117-133.

CRENSHAW, Kimberle. **A interseccionalidade da discriminação de raça e gênero**. 2002. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2022.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. *Educação e pesquisa*, v. 29, p. 167-182, 2003.

GONZÁLEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista ciências sociais hoje**, v. 2, n. 1, p. 223-244, 1984.

GONZÁLEZ, Lélia. A mulher negra no Brasil. In: _____. **Por um feminismo afrolatino-americano: ensaios, intervenções e diálogos** / Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, Maria Batista. Identidade étnico/racial no Brasil: uma reflexão teórico-metodológica. **Revista Fórum Identidades**, 2008.

MANO A MANO: Glória Maria. [Locução de]: Mano Brown e Semayat Oliveira. Entrevistada: Glória Maria. [S.l.]: Spotify, 9 dez. 2021. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7Cp1UH7ummJ0VS0Hw9PuNG>. Acesso em: 26 dez. 2023.

MANO A MANO: Sueli Carneiro. [Locução de]: Mano Brown e Semayat Oliveira. Entrevistadas: Sueli Carneiro. [S.l.]: Spotify, 26 maio. 2021. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2eTloWb3Nrmjog0RkUnCPr?si=YqVaXcrJRsmO3cnCrqF2PQ&nd=1>. Acesso em: 26 dez. 2023.

MEDEIROS, Macello Santos de. Podcasting: produção descentralizada de conteúdo sonoro. In: **Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Uerj** – 2005. Disponível em:



<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/84071885084469832222151638470992010359.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2023.

MEDRADO. Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano. In: SPINK, Mary. **A linguagem e a produção de sentidos no cotidiano**. Rio de Janeiro: BVCE, 2013. p. 1-21

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (org. e trad.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SPINK, Mary J. **A linguagem e produção de sentidos no cotidiano**. Rio de Janeiro: BVCE, 2010.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e Poder**. São Paulo: Contexto 2018.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: Uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (org. e trad.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.